abril/2023

Revista Verlidelas

edição nº 34

VERLIDELAS

crônica:
Lançado o livro
LAPIDANDO A VIDA

poesia:
Ao povo da Ucrânia

entrevista:
JERÔNIMO BENTO

opinião:
HOMEM × MÁQUINA

abril/2023 edição nº 34

Sumário

ENTREVISTA ... 03
Jerônimo Bento

OPINIÃO ... 12
Homem X Máquina

CRÔNICA ... 16
Lançamento do Livro "Lapidando a Vida"
- **Parte 1 – Resenha do Evento** ... 17
  Fabio Shiva
- **Parte 2 – "Paz"** ... 20
  Conceição Santana

POESIA ... 23
Ao Povo Ucraniano
João Fernando Gouveia

AGRADECIMENTO ... 25
A Décio Torres Cruz

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:
•Sergio Carmach

Editora assistente:
•Luzia Barbosa

Fotos (crônica):
•Fabíola Campos
(71) 99649-9442
Instagram: fabiolacamposfotografia
Facebook: fabiolacamposfotografia

Revisão, diagramação e arte:
•Sergio Carmach

contato@verlidelas.com
www.verlidelas.com
www.facebook.com/verlidelas/

Verlidelas Editora
CNPJ 27.850.067/0001-71
Rio de Janeiro/RJ

EDITORIAL

Para os apreciadores de polêmicas, este número da revista está repleto de textos interessantes. A edição começa com a entrevista de Jerônimo Bento, que já havia mostrado – no livro **"Perfeitos por Alguns Segundos"** e durante sua participação no **programa BahiaCast** – uma visão fora de caixas. Em um bate-papo franco aqui na revista, Jerônimo reforça essa postura, mostrando que não precisamos seguir fórmulas ideológicas de pensamento; e que podemos ser tolerantes com as ideias alheias. Infelizmente, essa maneira de agir incomoda muita gente... Logo em seguida, o leitor é instigado a refletir sobre a chegada paulatina da inteligência artificial à sociedade, incluindo o meio literário: A máquina um dia superará o ser humano *até na criatividade artística*? O homem médio parecerá intelectualmente medíocre quando a IA tornar-se mais poderosa? Ainda no campo das polêmicas, temos os versos de João Fernando Gouveia em apoio ao povo ucraniano diante da *guerra* (ou *operação especial* para alguns) iniciada pela Rússia há mais de um ano.

Mas a revista de abril também é festa. Dedicamos a seção de crônicas ao lançamento do livro "Lapidando a Vida", de Conceição Santana, ocorrido em Salvador. Na primeira parte, o escritor e músico Fabio Shiva apresenta uma resenha do evento, na qual transmite toda a alegria da autora e de seus convidados. A segunda parte traz o último texto da obra, intitulado "Paz". Afinal, é isso o que todos nós – amantes ou não das polêmicas – desejamos.

Sergio Carmach

Apoiam esta edição:

Conheça

Conheça

POR SERGIO CARMACH

Filho de um comerciário e de uma merendeira, nasceu em 1969 na cidade de Salvador. Seu gosto pela leitura surgiu aos onze anos de idade, quando ganhou de presente de aniversário de seus pais um dicionário da língua portuguesa. Apaixonou-se por Literatura na escola e por Filosofia na UFBA, onde, aos dezessete anos, foi aluno do saudoso professor Ubirajara, que usava "O Banquete" em classe. Hoje possui graduação em Ciências Contábeis, licenciatura em História e especialização em História Social e Econômica do Brasil. Desde 2015 é professor municipal em Camaçari. Recentemente lançou um livro que mostra sua visão de mundo fora de caixas, o que também pode ser comprovado na entrevista a seguir

JERÔNIMO BENTO

Fale um pouco de você e sobre como se tornou escritor.

Sou um soteropolitano apaixonado pela cidade natal, filho de uma merendeira e de um comerciante que vieram de Teolândia, interior da Bahia, no final da década de 60 para tentar a sorte na capital, onde tiveram cinco filhos. Fixaram moradia em São Marcos, na periferia de Salvador, bairro em que morei por quarenta e cinco anos. Casei com a Viviane – esposa, amiga, companheira e grande incentivadora da minha obra – com quem tive dois lindos filhos.

Minha infância foi difícil. Passei boa parte dela indo com frequência a hospitais para tratar as sequelas de uma poliomielite adquirida aos dois anos de idade; e depois por quebrar o fêmur e, em seguida, o braço. Ainda cedo, eu e meus irmãos começamos a ajudar nossos pais. Carregávamos água da fonte em latas na cabeça, ajudávamos na limpeza, vendíamos picolé, banana e tecidos de porta em porta... Eram tempos duros, em que costumávamos comer farinha com açúcar por não ter outra coisa na despensa. Aos quinze anos comecei a trabalhar no Banco Nacional como *boy*. Aos dezessete passei no vestibular da UFBA para Ciências Contábeis. Por ter vindo de escola pública, precisei me virar nos trinta para superar as deficiências de ensino, especialmente em Matemática, que quase não tive no ginásio, pois muitos professores se recusavam a dar aulas num bairro tão distante. Praticamente não tive adolescência. Nessa época, acordava às cinco da manhã e chegava em casa à meia-noite. Para ir e voltar do trabalho e da universidade, eu pegava em média oito ônibus por dia. Depois passei a dar aulas de reforço escolar, abri escritório de contabilidade, agência de turismo... Sempre fui assim, inquieto. Neste país, quem nasce na base da pirâmide precisa carregar uma cruz muito pesada para subir alguns degraus na vida. Mas não sou de reclamar. Ao contrário, sempre agradeço a Deus por tudo. E, se olharmos bem, em todo lugar há pessoas em situações piores que a nossa.

Sobre me tornar escritor, o ponto de partida foi o dia em que ganhei um dicionário da língua portuguesa, presente dos meus pais quando completei onze anos. Era fascinante ir descobrindo o significado de cada uma daquelas palavras estranhas que dificultavam o entendimento dos textos nos livros didáticos. Eu me sentia saindo da escuridão e encontrado a luz. Passei a gostar de estudar, ler, escrever, aprender... Nos tempos de escola, eu adorava Literatura e os livros da Coleção Vaga-Lume. Na UFBA, eu me apaixonei pelas aulas de Introdução à Filosofia do mestre Ubirajara. Foi quando me senti estimulado a transcrever os rascunhos de alguns poemas e contos que eu mantinha guardados.

O seu recém-lançado livro solo – "Perfeitos por Alguns Segundos", no qual você apresenta reflexões em prosa e verso – traduz bem essa paixão por literatura e filosofia. Fale sobre a composição dessa obra.

Sim, o livro é uma união dessas duas paixões. No que tange à composição da obra, busquei transformar minhas observações do cotidiano, das relações humanas e da vida como ela é em aforismos. Essa escolha deve-se principalmente ao momento atual, em que as metanarrativas perderam espaço devido à velocidade da vida. Aliás, o grande sociólogo Zygmunt Bauman, no livro "Modernidade Líquida", caracteriza muito bem essa nova época de relações sociais frágeis e fugazes.

O livro e as entrevistas concedidas por você deixam claro que suas ideias não estão dentro de caixas. Mostram também seu temperamento tolerante, algo nada comum hoje em dia. Como as pessoas reagem diante de sua postura e como você lida com a polarização que assola a sociedade?

Ter opiniões próprias, fora de caixas, é uma tarefa difícil numa sociedade de pessoas conformadas e acostumadas a seguir a manada por medo de serem rejeitadas. Já sofri muito com isso. Hoje, não mais. Quanto à tolerância, acredito que herdei de minha mãe. E fui aprimorando esse temperamento com leituras filosóficas. Os princípios estoicos, por exemplo, promovem a busca pela lucidez, sensatez, sabedoria, ponderação, prudência... A filosofia ensina que devemos usar a força do argumento, e não o argumento da força. Isso, aliás, deve ser um exercício diário, pois vivemos num cenário em que ninguém escuta ninguém. Não há diálogo ou debate, apenas disputa. Hoje não podemos ponderar, sob pena de sermos rotulados de machistas, racistas, direitistas, esquerdistas, comunistas... Podemos ser cancelados antes mesmo de concluirmos nossa fala. Acredito que essa polarização sempre tenha existido, mas ela vem crescendo de forma exponencial após o surgimento das redes sociais. No entanto, não me curvo diante desse ambiente hostil à troca de ideias. Continuo defendendo minhas convicções; e respeitando as demais, consciente de nossa natureza contraditória e ambivalente, que por vezes nos faz mudar de opinião.

Sou ditador, democrata, conservador, progressista, esquerdista, direitista, socialista, capitalista, revolucionário, reacionário, moderado, descontrolado...

Sou as conveniências, ambivalências e contingências da vida.

Sou amor, desamor, engano, desengano, humano e desumano.

Eu não me engano!

Sou tudo, sou nada, um pouco de tudo, um pouco de nada.

Sou tudo isso e nada disso.

É isso!

Relevando erros ou estimulando o autoengano, não vamos melhorar pessoas que se vitimizam o tempo todo.

Às vezes, somos nós que devemos dar o primeiro passo para algo ser mudado. Nem sempre o erro está do outro lado.

O ‘senso crítico’ do brasileiro só olha para o próprio umbigo.

“reflexões poéticas”

Quando escrevo, busco sempre estimular o leitor a pensar, opinar, questionar, discordar... e também a permitir que os outros possam igualmente exercer esses direitos universais.

Como você definiria seu estilo de escrita?

Ele é baseado na realidade do cotidiano, na vida como ela é... Quando escrevo, busco sempre estimular o leitor a pensar, opinar, questionar, discordar... e também a permitir que os outros possam igualmente exercer esses direitos universais. Sobre o livro "Perfeitos por Alguns Segundos", optei por lhe dar uma forma aforística devido ao contexto atual, em que as pessoas são mais visuais, dedicando pouco tempo à leitura.

Você é graduado em Ciências Contábeis, possui licenciatura em História e especialização em História Social e Econômica do Brasil. Essas áreas do conhecimento exercem, de alguma forma, influência em sua literatura?

Na juventude, a graduação em Ciências Contábeis pela UFBA foi importante devido à figura do saudoso professor Ubirajara. Suas aulas me despertaram o gosto pela filosofia, um estímulo adicional em meu caminho pela arte de ler, pensar e escrever. Ou seja, as Ciências Contábeis em si não influenciam a minha literatura, mas as aulas do mestre Ubirajara contribuíram, sim, e muito, para a minha escrita. Em relação ao curso de História, foi importante devido especialmente às disciplinas que abordaram o passado e a realidade atual do nosso país. Nessa época, um italiano – o professor Giuseppe (não sei por onde andas) – me apresentou grandes nomes da literatura brasileira, europeia e russa, outro fato marcante que me levou a ser um escritor. Quanto aos estudos na especialização em História Social e Econômica do Brasil, eles ampliaram meus conhecimentos sobre os períodos colonial, imperial e republicano. Isso me ajudou, de certa forma, nos temas ligados a racismo, desigualdade social, exclusão..., que volta e meia estão presentes em minha escrita.

Há aqueles que vão apenas discordar de você;
Há aqueles que vão discordar e incomodar-se;
E há aqueles que vão discordar, incomodar-se e querer matá-lo.

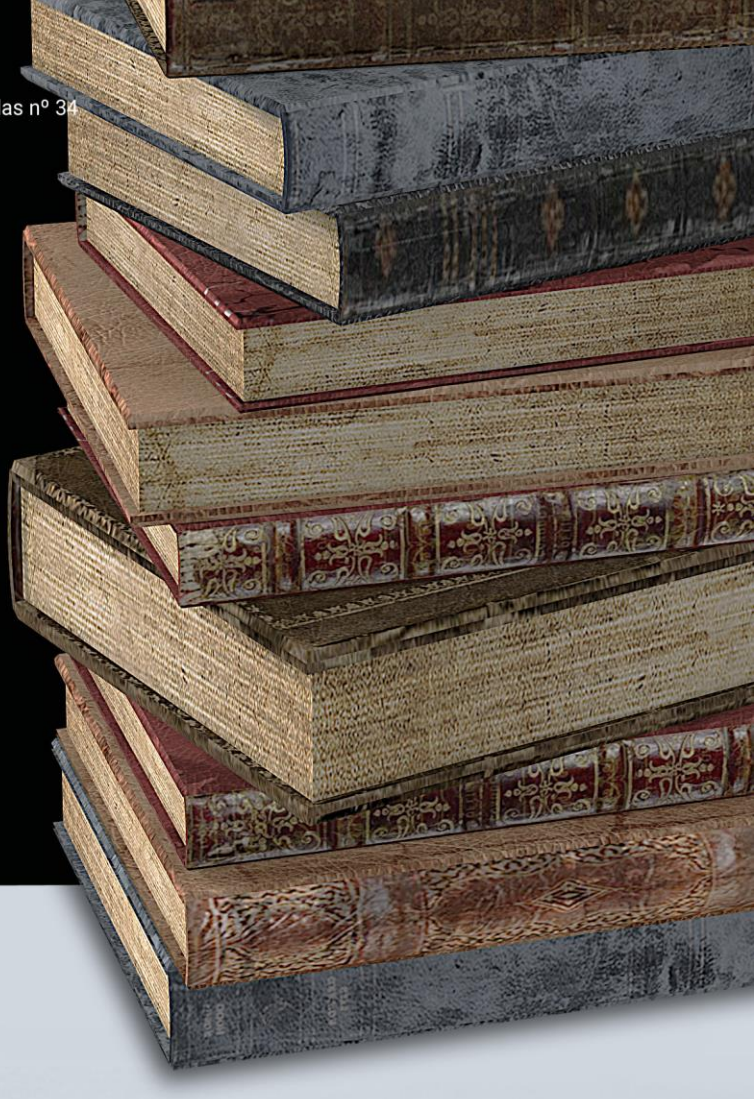
A questão não é discutir a importância da linguagem inclusiva, mas perceber que esse tipo de pauta tem pouquíssima ressonância na população brasileira carente de necessidades básicas, como comida, moradia, saúde, trabalho, segurança, lazer...

A segregação é inerente ao ser humano. Até entre os "farofeiros" existe uma separação baseada na quantidade e qualidade da farinha usada por cada um.

reflexões

Como professor, você tenta incutir nos alunos o gosto pela reflexão e pela leitura ou acha que o papel do mestre é apenas transmitir conhecimento?

Sempre estimulo o pensar, o senso crítico, a reflexão, a ponderação dos meus alunos. Muitos deles estão acostumados a ser meros copistas. Então, incentivo os debates nas aulas, faço perguntas, provocações. Sempre deixo bem claro que eles precisam entender um assunto para jamais esquecê-lo. Assim, não escrevo um parágrafo sequer no quadro sem explicar o significado de algumas palavras, o que – além de ajudar na compreensão de um assunto – enriquece o vocabulário dos alunos.



Qual a sua opinião sobre o cenário cultural brasileiro da atualidade?

Olha, o cenário cultural brasileiro é desanimador. Parece que em todas as esferas da sociedade escolhemos viver brincando. Há um excesso de divertimento, a futilidade virou moda no país. Mas sei também que o nosso trabalhador tem pouco tempo de lazer devido a uma rotina exaustiva e conturbada. Assim, ao buscar entretenimento, ele normalmente opta por "enlatados" alegres e de fácil compreensão, como, por exemplo, o Big Brother Brasil. E isso não acontece somente em relação aos programas televisivos. As pessoas preferem, por exemplo, *stand-ups* a peças teatrais; e por aí vai. O *show business*, tendo percebido isso, investe fortemente em produtos adequados a essa modernidade líquida, em que nada é feito para durar. Bauman nos ajuda a entender o mundo atual quando diz que a cultura deixou de ser um agente de mudança para se tornar um artifício de sedução.

Tem projetos em andamento?
Sim. Pretendo publicar um livro de contos, que ainda está sendo rascunhado.

Gostaria de mencionar alguns livros e autores que admira?
Vou citar algumas obras como referência: "A Hora da Estrela" (Clarice Lispector); "O Alienista" (Machado de Assis); "Teoria do Medalhão" (idem); "Capitães da Areia" (Jorge Amado); "Viva o Povo Brasileiro" (João Ubaldo Ribeiro); "Pequeno Manual Antirracista" (Djamila Ribeiro); "O Homem que Sabia Javanês" (Lima Barreto); "O Homem de Cabeça de Papelão" (João do Rio); "Poema em Linha Reta" (Álvaro de Campos); "Os Miseráveis" (Victor Hugo); "A Morte de Ivan Ilitch" (Liev Tolstói); "O Sonho de um Homem Ridículo" (Dostoiévski); "Notas do Subsolo" (idem); "Crime e Castigo" (idem); "Os Irmãos Karamazov" (idem); "1984" (George Orwell); "Admirável Mundo Novo" (Aldous Huxley); "Ensaio sobre a Cegueira" (José Saramago); "O Estrangeiro" (Albert Camus); "A Arte da Guerra" (Sun Tzu); "Assim Falou Zaratustra" (Nietzsche); "Otelo, o Mouro de Veneza" (Shakespeare); "Hamlet" (idem); "O Príncipe" (Maquiavel); "A Metamorfose" (Franz Kafka); "Racismo Estrutural" (Silvio Almeida); "Pele Negra, Máscaras Brancas" (Frantz Fanon); "Mulheres, Raça e Classe" (Angela Davis); "Raízes do Brasil" (Sérgio Buarque de Holanda); "Os Bestializados" (José Murilo de Carvalho). ■

Não existe cura para o vazio existencial; ele faz parte da incompletude humana.

Tentar preenchê-lo com trabalho, religião, jogos, futebol, bebidas, festas ou redes sociais não resolverá.

Precisamos aceitar e aprender a lidar com esse sentimento.

Pessoas que agem pelo coração são incapazes de liderar uma revolução. Diferentes do vilão, jamais matarão em nome de uma nação, religião ou convicção.

ARTE: WILL SANTOS

POD Letras
@podletras

https://www.youtube.com/PodLetras

LIVES TODAS AS TERÇAS E QUINTAS
ÀS 20H NO YOUTUBE E NA TWITCH

Podletras

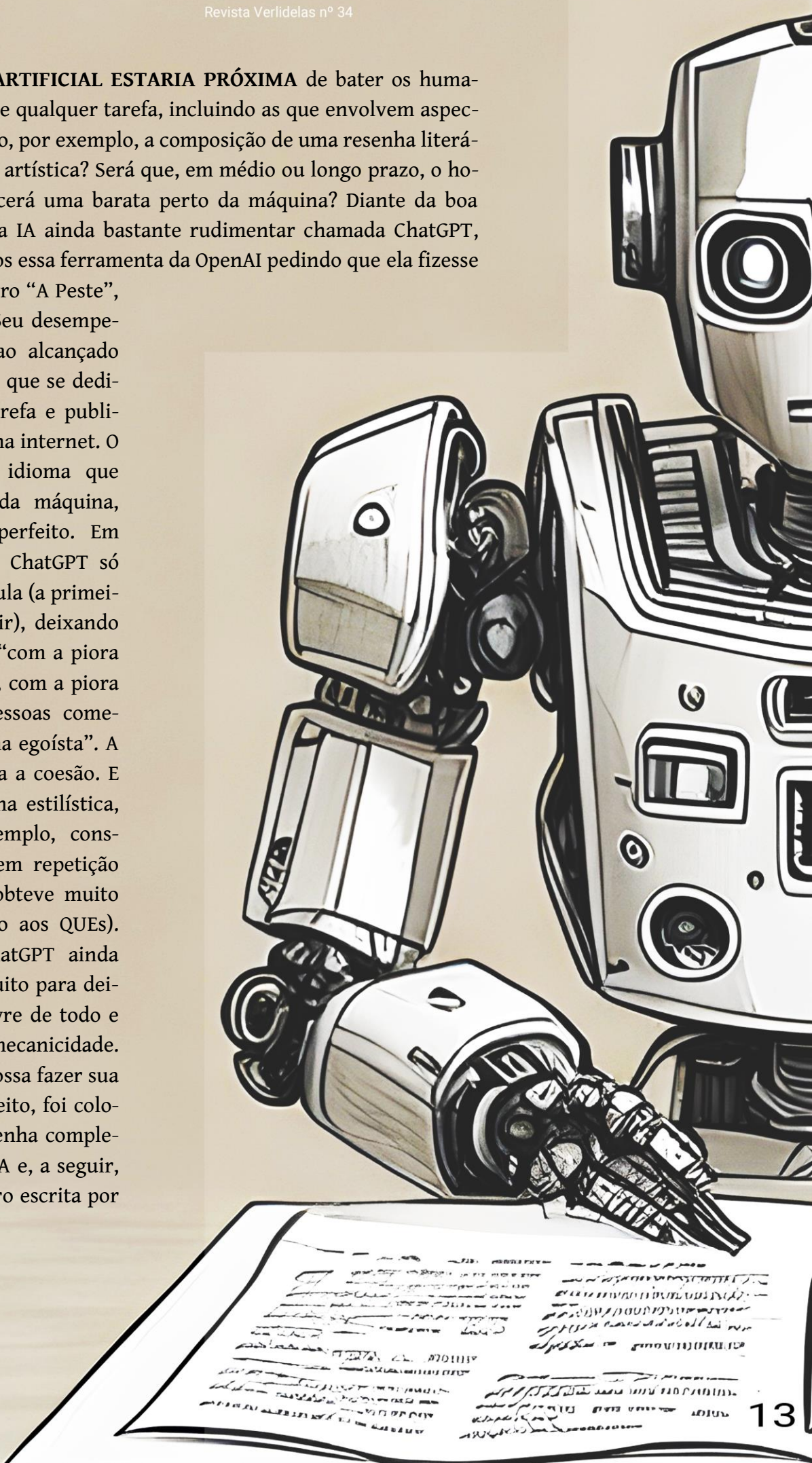
O PodLetras – canal formado pelos escritores César Costa, Marlos Quintanilha e Will Santos – é feito para pessoas que curtem arte, especialmente literatura. Cada programa apresenta um bate-papo descontraído com um convidado interessante, oferecendo uma experiência enriquecedora para o espectador.

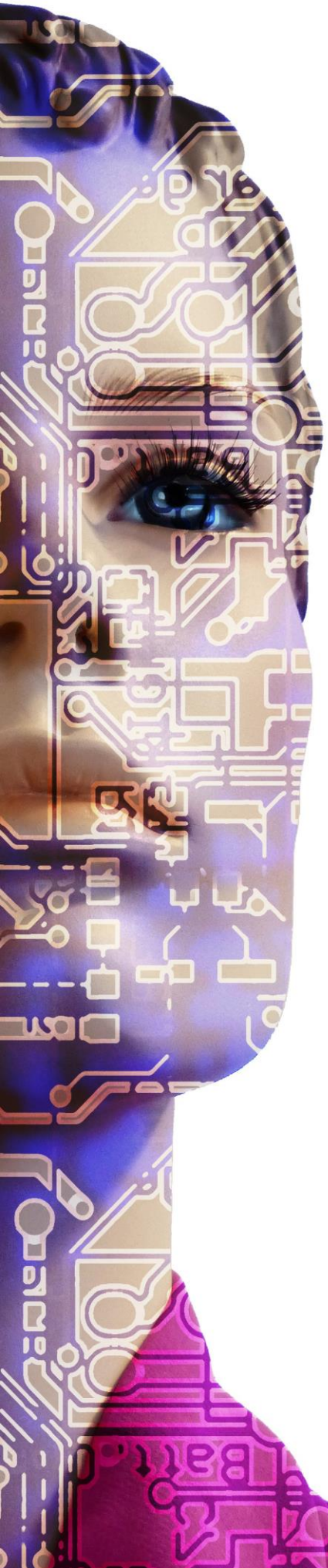
Homem x máquina

Opinião

POR SERGIO CARMACH

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL ESTARIA PRÓXIMA de bater os humanos na realização de qualquer tarefa, incluindo as que envolvem aspectos subjetivos, como, por exemplo, a composição de uma resenha literária ou de uma obra artística? Será que, em médio ou longo prazo, o homem comum parecerá uma barata perto da máquina? Diante da boa *performance* de uma IA ainda bastante rudimentar chamada ChatGPT, talvez sim. Testamos essa ferramenta da OpenAI pedindo que ela fizesse uma resenha do livro "A Peste", de Albert Camus. Seu desempenho foi superior ao alcançado por muitas pessoas que se dedicaram à mesma tarefa e publicaram seus textos na internet. O português da IA, idioma que nem é o nativo da máquina, mostra-se quase perfeito. Em sua composição, o ChatGPT só esqueceu uma vírgula (a primeira na frase a seguir), deixando de isolar o trecho "com a piora da situação": "Mas, com a piora da situação, as pessoas começam a agir de forma egoísta". A IA também respeita a coesão. E segue até uma linha estilística, tentando, por exemplo, construir parágrafos sem repetição de palavras (não obteve muito sucesso em relação aos QUEs). No entanto, o ChatGPT ainda precisa avançar muito para deixar sua redação livre de todo e qualquer sinal de mecanicidade. Para que o leitor possa fazer sua análise a esse respeito, foi colocada adiante a resenha completa elaborada pela IA e, a seguir, uma do mesmo livro escrita por mãos humanas.





Resenha da máquina

"A PESTE", DE ALBERT CAMUS, É UMA OBRA literária que relata a história da cidade argelina de Oran, que é tomada por uma epidemia de peste bubônica. O livro narra o impacto da doença na vida dos habitantes da cidade e como eles reagem ao enfrentamento da crise.

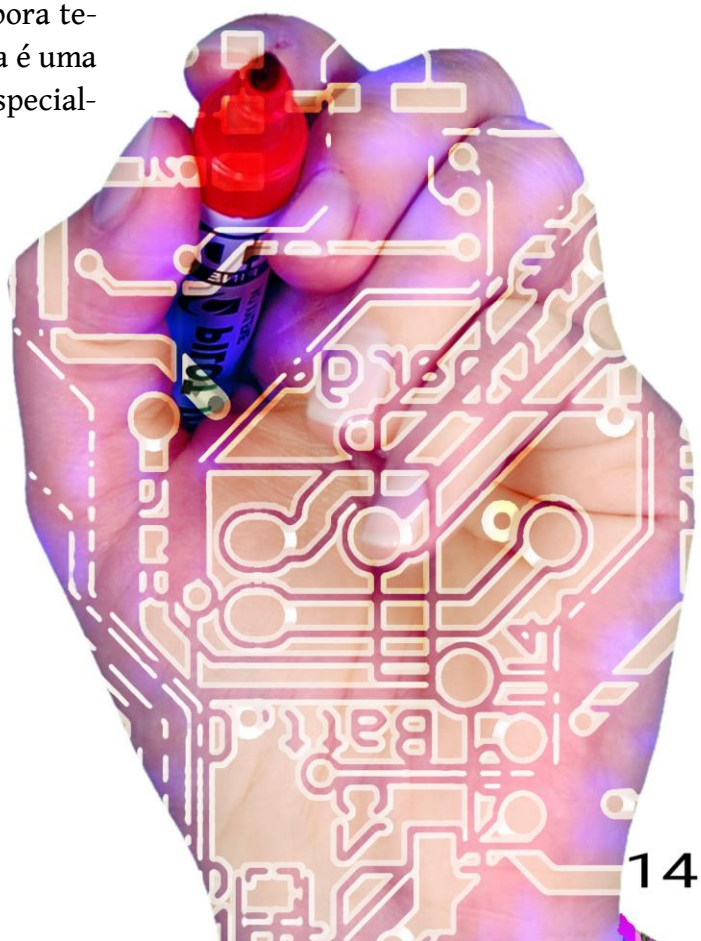
A narrativa começa com o médico Bernard Rieux, que percebe os primeiros sinais da doença na cidade. Ele tenta alertar as autoridades sobre a gravidade da situação, mas é ignorado. Com o tempo, a epidemia se alastra cada vez mais, e a cidade se vê isolada do mundo exterior, num clima de medo e desesperança.

O livro mostra o comportamento humano diante de uma situação de extrema adversidade, como é o caso de uma epidemia. Inicialmente, há uma negação do problema, acompanhada da sensação de que a doença não irá afetar a todos. Mas, com a piora da situação, as pessoas começam a agir de forma egoísta, pensando apenas em proteger a si mesmas e suas famílias. Surge também a ideia de que a doença é um castigo divino, o que leva a uma busca por expiação e redenção.

Camus nos apresenta personagens complexos, que representam diferentes aspectos da sociedade. Há o médico dedicado, o padre que busca consolar os aflitos, o jornalista que divulga informações, o burocrata que age em nome da ordem, entre outros. Todos esses personagens lutam para encontrar um sentido naquela situação, para entender o que está acontecendo e qual será o futuro.

O livro fala sobre temas universais, como a morte, a solidariedade, a esperança e a resistência. E, embora tenha sido escrito em 1947, ainda é uma leitura atual e impactante, especialmente em tempos de pandemia, quando a humanidade se vê diante de um desafio semelhante ao enfrentado pelos habitantes de Oran.

Em resumo, "A Peste" é uma obra intensa e profunda, que nos faz refletir sobre a condição humana e o papel da vida em situações extremas. É um livro que vale a pena ser lido e relido, e que certamente deixará uma marca duradoura no leitor.



Resenha humana

(foram suprimidos os dois primeiros parágrafos; para ler o texto inteiro, clique **aqui**)

O QUE É MAIS VALOROSO PARA O ESPÍRITO? A felicidade pessoal ou ajudar a coletividade em um momento de crise? E do que o espírito mais necessita nesse momento de crise? Dos dogmas religiosos ou do pensamento racional? É interessante notar que essas questões envolvem os personagens centrais, inclusive o protagonista, Bernard Rieux, médico que se une a um esforço para debelar o mal, mesmo sendo esse mal algo de difícil compreensão, tanto do ponto de vista físico quanto espiritual.

"A Peste" tem um texto farto em filosofia, e as citações possíveis, com suas respectivas interpretações, seriam capazes de gerar um outro livro. Os trechos relacionados a Deus chamam bastante atenção, merecendo destaque os sermões do padre Paneloux e a visão racional de Rieux. O médico, indagado se acredita em Deus, explica: "se acreditasse num Deus todo-poderoso, deixaria de curar os homens, deixando a Ele esse cuidado", filosofando mais adiante: "Visto que a ordem do mundo é regulada pela morte, talvez valha mais para Deus que não acreditemos nEle e que lutemos com todas as nossas forças contra a morte, sem erguer os olhos para o céu, onde Ele se cala."

Quanto aos sermões de Paneloux, o primeiro é de uma genialidade única. As palavras colocadas na boca do padre por Camus mostram como o autor sabe ler a alma humana. O discurso do sacerdote mostra a visão clássica do cristão: a natureza em fúria é uma resposta divina à culpa humana (confira **aqui** o brilhantismo desse trecho do livro). Posteriormente, Paneloux assiste à terrível morte de uma criança e diz: "Isto é revoltante, pois ultrapassa a nossa compreensão. Mas talvez devamos amar o que não conseguimos compreender." Assim, no segundo sermão, já mais fustigado pela tragédia, ele abranda o tom e torna-se menos enfático sobre a culpa do homem, dizendo "que havia coisas que se podiam explicar em relação a Deus e outras que não se podiam." Bem... Talvez se possa dizer que o padre, com essa frase, transformou a humildade trazida pela razão em uma espécie de arrogância da fé.

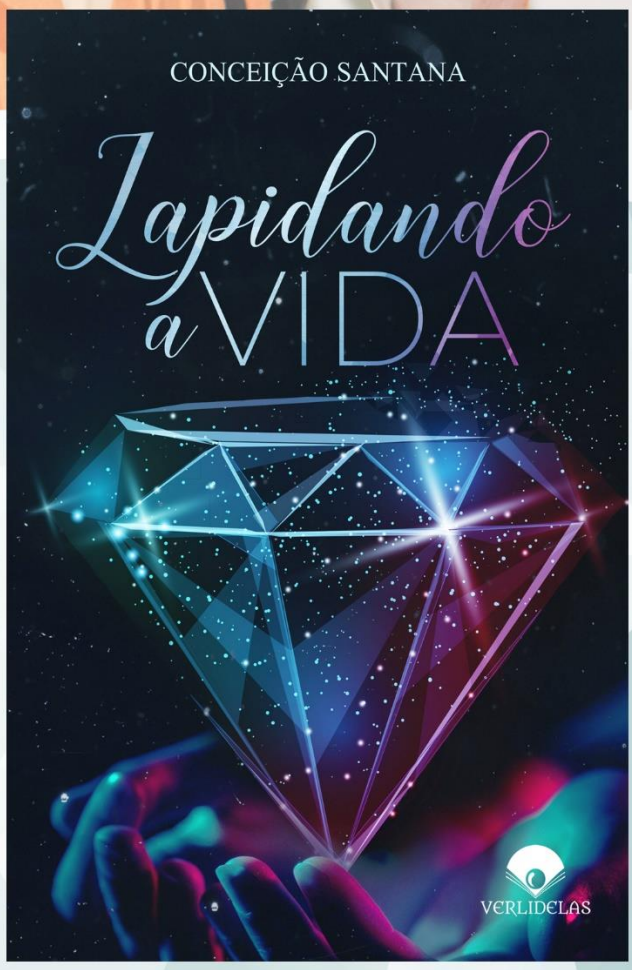
Para fazer jus ao livro – que trata de inúmeros temas, como justiça, suicídio, amor, essência humana, religião – e colocar aqui tudo o que é digno de nota, a resenha precisaria ocupar páginas e mais páginas. O texto de "A Peste" é riquíssimo e esta singela análise nem sequer abordou um por cento de tudo o que há nele e de tudo o que pode ser extraído dele. Para finalizar sem mais delongas, talvez o mais importante a se dizer seja o seguinte: se o racionalismo filosófico de Camus serve para provocar descrença em Deus, por outro lado é muito mais forte para despertar a fé nas qualidades do homem.

■ ■ ■

Lançamento do LIVRO

POR FABIO SHIVA &
CONCEIÇÃO SANTANA

FOTOS: FABÍOLA CAMPOS



Parte 1

RESENHA DO EVENTO

FABIO SHIVA
Músico, escritor e produtor cultural. Autor dos livros "O Sincronicídio", "Favela Gótica", "Diário de um Imago" e "Meditação para Crianças", dentre outros. Coautor e roteirista de "ANUNNAKI – Mensageiros do Vento"

O SÁBADO de 25 de março amanheceu entre chuvas e trovoadas na cidade de Salvador, mas logo São Pedro e Iansã demonstraram que estavam apenas fazendo uma necessária e benfazeja limpeza na cidade. Às 19h, horário marcado para o lançamento do terceiro livro de Conceição Santana, "Lapidando a Vida", o céu estava límpido e estrelado. Afastados os temores de inundações e alagamentos, o salão de festas do Edifício Praia de Itapuã, no bairro nobre do Itaigara, ficou pequeno para acolher tanta gente que chegou para prestigiar a autora. O número de pessoas, composto por familiares e amigos, foi engrossado por muitos colegas de trabalho e pacientes da Dra. Conceição, numa evidente demonstração do quanto ela é admirada e querida por suas décadas de atuação como médica e, agora, como escritora.

Enquanto os convidados iam se acomodando e degustando um delicioso rodízio de pizzas, entre outros acepipes, o cerimonial do lançamento teve início, sendo conduzido com muita simpatia pelo **repórter Will Oliveira**. Mas no quesito simpatia Will foi logo superado pela dona da festa,

após ele a chamar para um breve discurso de abertura. Conceição esbanjava alegria e jovialidade do alto de seus 80 anos bem vividos, e logo contagiou a plateia com essa energia boa. Assim, todos ficaram mais que receptivos para a exibição de um emocionante **vídeo** com depoimentos de leitores do livro anterior de Conceição Santana, o autobiográfico "Simplesmente Pérola".

Foi então que este que vos escreve teve uma bela surpresa ao ser convocado pela autora para dirigir algumas palavras ao público, juntamente com outra escritora presente, Noélia Barreto Bartilotti. Com sua generosidade de costume, Conceição me cobriu de elogios e pediu que eu falasse sobre meus trabalhos. Obviamente declinei, afinal a noite era de "Lapidando a Vida", formidável livro de crônicas de cujo processo editorial tive a honra e a alegria de participar. Para um discurso de improviso, creio que não me saí tão mal:

Agora há pouco eu estava observando minha nova amiga, a Carol, que é vizinha de Conceição, professora de História e futura escritora, quando ela voltou para a nossa mesa com o seu exemplar de "Lapidando a Vida". Carol começou a folhear o livro e logo ficou nítido que ela havia sido capturada pela leitura e transportada para uma outra dimensão. Dali a alguns instantes ela piscou, como que percebendo onde estava, e se viu na obrigação de interromper a leitura e retomar o convívio social. Sorrindo para nós, ela disse: "Como a Conceição escreve bem!"

Isso me fez lembrar do que senti ao ler "Lapidando a Vida", livro escrito durante a pandemia, esse acontecimento que nos marcou a todos de forma tão intensa. Duvido que alguém aqui possa dizer que hoje é a mesma pessoa que era antes da pandemia. Todos

nos transformamos. Eu com certeza mudei, e espero que para melhor, ao menos um pouquinho. É o que todos esperamos, né? Que tenhamos ficado mais sensíveis ao sofrimento do outro, pelo menos. E isso é uma das coisas mais preciosas a respeito de "Lapidando a Vida", em minha opinião. Ao enfrentar corajosamente seus medos, suas angústias e fraquezas durante a pandemia, ao procurar com sinceridade se encarar no espelho e registrar o que viu, Conceição Santana nos beneficia a todos. Ao ler as crônicas de seu livro, podemos sentir o que ela sentiu, vivenciar o que ela atravessou e colher confortavelmente as duras vitórias que ela obteve. Ao lapidar a sua própria vida e ao transformar esse processo de lapidação em um livro, Conceição consegue a proeza de tornar seus leitores mais brilhantes, polidos e iluminados.

Depois foi a vez de Noélia dar um comovente testemunho sobre sua amizade com Conceição, amizade esta que nasceu da Poesia: elas se conheceram no lançamento da antologia "Cura Poética 2", da qual as duas participaram.

Antes de iniciar a concorrida sessão de autógrafos, Conceição reservava mais uma linda emoção para nós: a leitura da crônica de encerramento de seu livro, "Paz" (a seguir, na Parte 2).

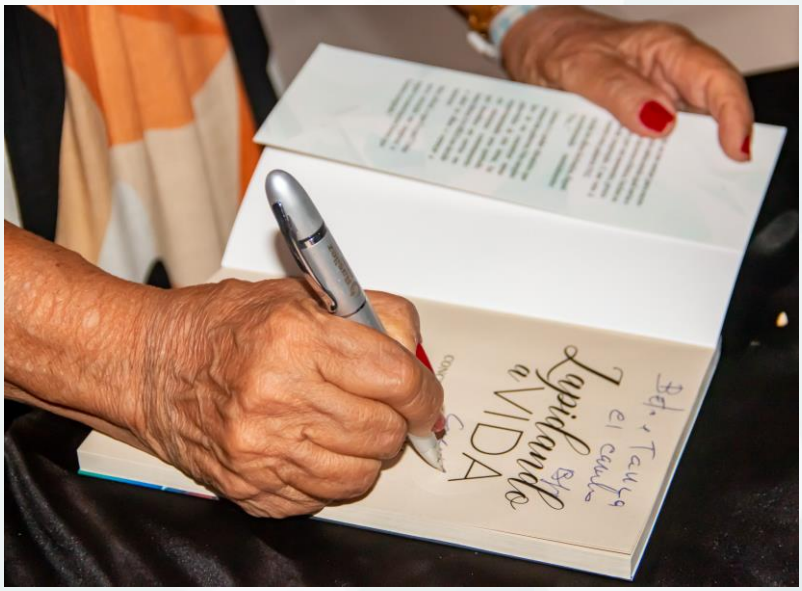
Parte 2

"PAZ"

CONCEIÇÃO SANTANA
É farmacêutica bioquímica e médica clínica pós-graduada em Medicina do Trabalho. No entanto, tem como seus maiores títulos aqueles que toda mulher almeja: mãe e avó. Em 2010, encheu-se de motivação para escrever e lançou "Trajetória de Minha Vida", dirigido ao seu núcleo familiar. Desde então, não parou mais. Foi escrevendo, perdendo-se nas gavetas de sua alma. Em 2020, irrompeu a pandemia de covid-19; e Conceição, como todos na área da saúde, entregou-se ao trabalho. No início de 2022, lançou "Simplesmente Pérola", a saga de sua vida. Enquanto estudava Telemedicina, passou a publicar crônicas em seu canal no YouTube, que vieram a se tornar o livro "Lapidando a Vida". O objetivo maior da médica e autora sempre foi servir e inspirar seus semelhantes, transmitindo-lhes o desejo de seguir com amor, gratidão, fé e a coragem de nunca desistir

"Não existe um caminho para a paz. A paz é o caminho."

Mahatma Gandhi



HOJE, AO ME SENTAR para escrever, não sabia ainda qual seria o tema da nova crônica. Fechei os olhos por um momento, procurando inspiração. E me veio à mente esta palavra: PAZ.

Ainda de olhos fechados, fiquei reverberando mentalmente: "Paz..."

Curioso é o poder vibratório que emana das palavras. Pelo simples fato de me concentrar nessa palavrinha de três letras, fui experimentando uma quietude, um silencioso contentamento que desenhou um sorriso em meus lábios. Foi difícil me decidir a abrir os olhos e começar a escrever.

Mas, afinal, o que é a paz? Uma nova intuição me inspirou a seguir as associações livres que fossem surgindo.

O que primeiro me veio à mente foi que a paz é um sentimento que não necessita de explicações. Tentar responder sobre o que é a paz é começar a perdê-la. Ainda assim, no esforço de seguir com a crônica, insisti em meu fluxo de consciência.

E então surgiu uma constatação aparentemente paradoxal: a paz não significa necessariamente a ausência de guerra ou violência. Isso me fez lembrar de uma parábola oriental que um amigo compartilhou comigo recentemente. Certa vez, em um mosteiro budista, foi realizado um concurso para ver qual dos monges seria capaz de pintar o quadro que melhor expressasse a ideia da paz. A pintura vencedora retratava um ninho de pássaro construído na encosta de um vulcão em erupção.

O que entendi dessa história é que a paz não é marasmo, estagnação ou a falta total de acontecimentos desafiadores. Isso seria algo mais próximo da morte que da paz. Penso que a paz, tal como retratada no quadro do monge budista, é a capacidade de construir algo belo e delicado – um ninho de pássaro – mesmo que em meio à feroz

agitação de um vulcão. Pois o mundo está sempre mudando, em movimento, trazendo novos desafios. Se formos esperar até o mundo se acalmar para experimentar a paz, é melhor esperarmos sentados em uma cadeira bem macia e confortável...

Nesse ponto de minhas reflexões, outra descoberta interessante surgiu. A paz não é algo de uso exclusivo, individual. A verdadeira paz é algo compartilhado, se dá na relação com o outro.

A paz que me motiva a escrever esta crônica é um sentimento de plenitude, que inspira o desejo de abraçar o mundo, de cantar uma bela canção... A paz é um sentimento irmanado com o amor, que só pode nascer onde exista também a gratidão.

Faço deste meu texto de hoje, portanto, uma oração pela paz. Que você, que agora lê estas palavras, possa sentir seu coração vibrando na paz; e que a sua paz interior seja forte o suficiente para ser distribuída a todos ao redor de você.

Que assim seja.

poesia

joão fernando gouveia

Biólogo (UCSAL) e professor-educador com pós em Psicopedagogia e Gestão Educacional. Autor de "Réstia de Corte e Vidro", "Emcarneviva", "Andança", "Para Frente e para o Alto", "A Paz que Precisamos", "Otimismo e Atitude Sempre" e "Se For Preciso Eu Pulo". Participou da antologia "Cura Poética", tendo sido premiado como o autor da melhor poesia. Pela Verlidelas, lançou "Concerto para Vozes Silenciadas"

Ao povo da Ucrânia

AO POVO DA UCRÂNIA

A sombra da morte
abriu suas asas metálicas,
explosivos de megatons
sobre Kiev.

Como medusa com cabelos
de serpentes e línguas sibilinas,
escamas de pólvora na pele,
olhos faiscantes de poder
que transformam em estátuas
de pedra e sal quem os encare,
com milhões de toneladas de torpedos letais
imitando fogos de artifício do réveillon para
[cada cabeça, assistimos, impotentes
e amedrontados, às ordens
de Putin direto do inferno.

Não me impressiona
somente dos homens
a maldade,
mas sua patética imbecilidade
ao propor guerras por motivos
[torpes, mentirosos e vis.

O que mais impacta,
porém, é a passividade
com que nós outros
as aceitamos sem brigar,
sem contestar.

Dirão alguns "isso não é comigo",
[e seguirão.

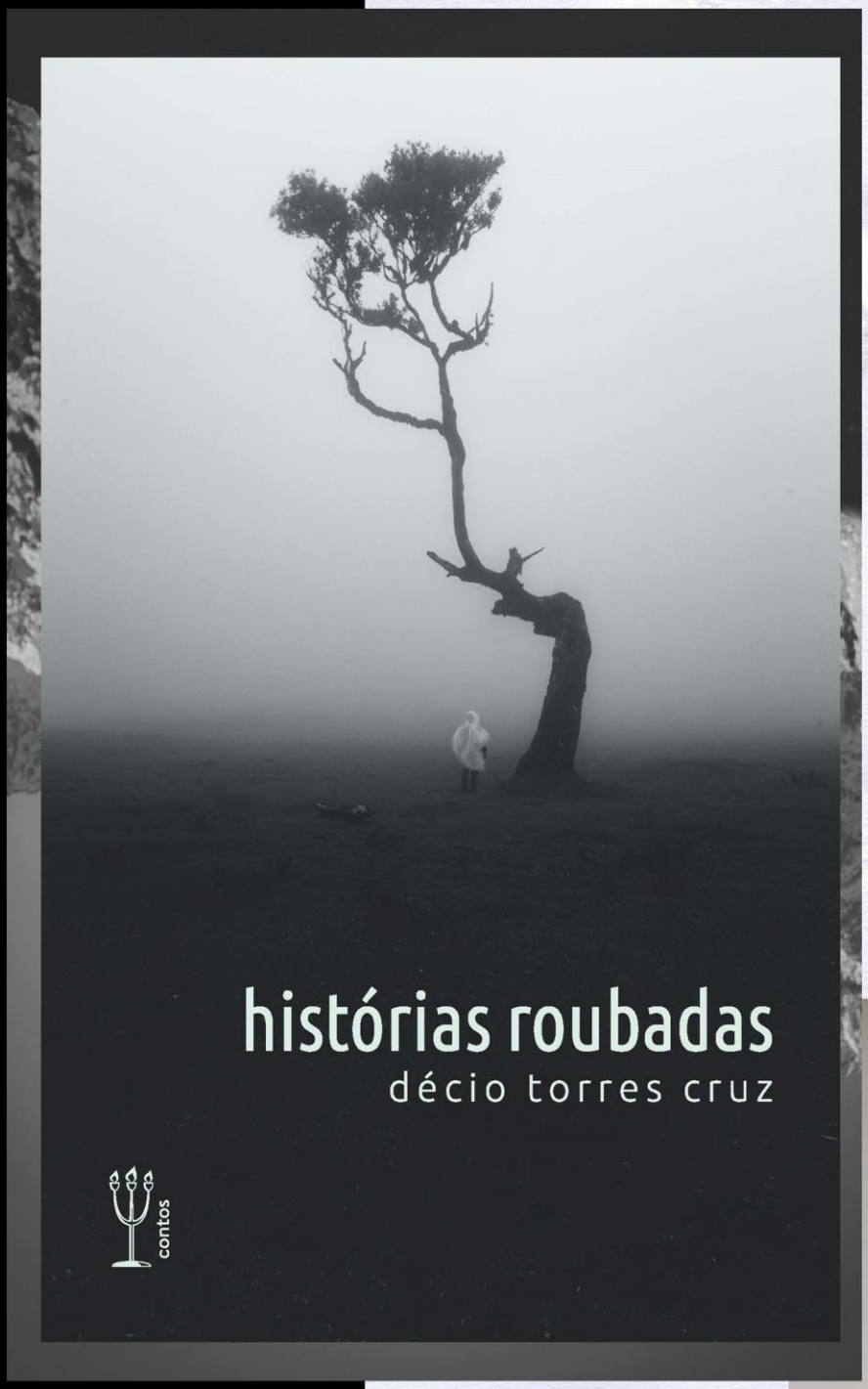
A guerra não tem pátria, nação,
[território, soberania...
Momento de negação
da vida, da humanidade
e da harmonia,
com ausência absoluta da paz.

Qualquer que seja a liderança
ou infame ideologia
de direita, centro ou esquerda,
buscando militar hegemonia
ou vil superioridade,
propondo guerra, agressão
e morte, atentam contra a vida,
a evolução e a humanidade.

Resisti, ó povo, a mais esse dragão.

AGRADECIMENTO

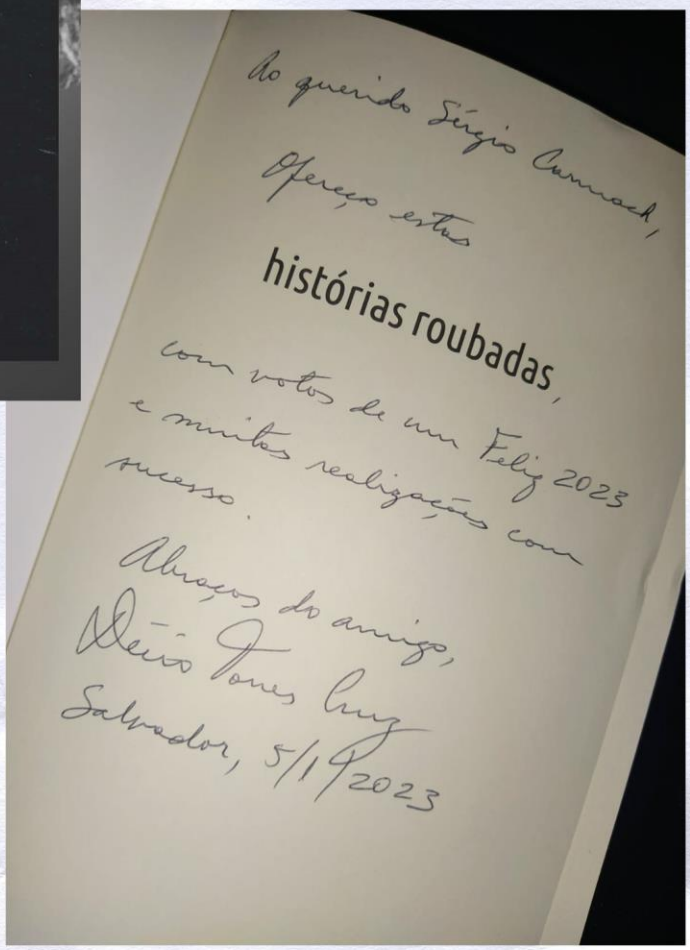
POR SERGIO CARMACH



DEDICO um agradecimento especial ao escritor Décio Torres Cruz, que enviou um exemplar com dedicatória do livro "Histórias Roubadas", publicado pela editora Penalux. Seguindo **este link**, é possível encontrar mais informações sobre a obra; e até uma amostra grátis.

Em breve, teremos algumas participações do Décio na revista. Aguardem!

■ ■ ■



Ao querido Sérgio Carmach,
Ofereço estas
histórias roubadas,
com votos de um Feliz 2023
e muitas realizações com
sucesso.
Abraços do amigo,
Décio Torres Cruz
Salvador, 5/1/2023

LIVE
Autoconhecimento
EM PROSA E VERSO

Apresentação:
@laircohim

TODA SEGUNDA-FEIRA
ÀS 20h30

Uma iniciativa da escritora e terapeuta Lair Cohim para compartilhar os assuntos do seu livro "Autoconhecimento - A Chave da Saúde".

Você aprenderá sobre Malhação Cerebral e dará um mergulho na espiritualidade e na ciência.

www.laircohim.com.br

VERLIDELAS